

• LÍNGUA E  
LINGUÍSTICA

# À IMAGEM E SEMELHANÇA: SIMULACRO E HAGIOGRAFIA NAS PROPAGANDAS ELEITORAIS DE POLÍTICOS RELIGIOSOS

---

**Fabio Sexugi\***

**Frank Antonio Mezzomo\*\***

**Cristina Satiê de Oliveira Pátaro\*\*\***

**Resumo:** Neste artigo, investigamos a utilização, para fins eleitorais, de significantes e discursos religiosos verificados no material de campanha de uma candidatura proporcional federal no Paraná, construída pelo Ministério de Fé e Política (MFP) da Renovação Carismática Católica (RCC) em 2014. A partir da análise de panfletos de marketing eleitoral e da documentação eclesiástica, procuramos discutir a construção, por meio do amálgama de arquétipos sacros e cívico-eleitorais, de um simulacro da autoridade canônica com vistas ao poder secular. A partir dos resultados, é possível verificar que os carismáticos paranaenses (re)criam, com seus próprios signos consagrados, uma nova estratégia de inserção política, que compreende a geração de simulacros fortes de representação cívico-religiosa.

**Palavras-chave:** Simulacro. Hagiografia. Política.

## INTRODUÇÃO

■ **É** consenso que a Igreja católica, desde seu desembarque com Frei Henrique de Coimbra das galeras cabralinas “nesta Terra de Santa Cruz”<sup>1</sup>, balizou os rumos da política brasileira, mantendo o país sob sua influência mesmo após 1891, ano da promulgação da primeira constituição republicana que, ao menos oficialmente, separou-a do Estado. Ainda, se ao longo

---

\* Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Campo Mourão, PR, Brasil. *E-mail:* sexugi@gmail.com

\*\* Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Campo Mourão, PR, Brasil. *E-mail:* frankmezzomo@gmail.com

\*\*\* Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Campo Mourão, PR, Brasil. *E-mail:* crispataro@gmail.com

<sup>1</sup> Trecho do cântico “Glória a Jesus na Hóstia Santa”, composto por Pedro Viana de Silva, como hino oficial do “I Congresso Eucarístico Nacional”, realizado no Rio de Janeiro de setembro a outubro de 1922, em comemoração ao primeiro centenário da Independência do Brasil (LOPES, 1972, p. 147).

do primeiro quartel do século XX viveu-se uma concordata moral entre Igreja católica e o Estado brasileiro, com o processo de redemocratização, conquistado no início da década de 1980, essa influência – já enfraquecida durante a ditadura militar – assumiu uma nova postura, quando suas lideranças leigas passaram a se aventurar no complexo universo das urnas, disputando espaço, inclusive nessa seara, com os evangélicos, cuja inserção na política fortaleceu-se a partir da Assembleia Constituinte de 1986 (BEOZZO, 1995; CAMPOS, 2013; CARRANZA, 2000; MACHADO, 2012; MARIANO, 2016; MIRANDA, 2006; ORO, 2001).

Assim, nesses últimos 30 anos, e especificamente no que tange os processos eleitorais, foram os evangélicos que, inicialmente, se destacaram no lançamento de candidaturas de pastores, bispos ou fiéis, apoiados pelas igrejas e fazendo uso explícito de símbolos religiosos em suas campanhas. O que podemos observar, no entanto, é que aos poucos a Igreja católica vem igualmente se apropriando de estratégias semelhantes, trazendo cada vez mais, para as disputas eleitorais das diferentes esferas, a linguagem, os signos e as representações da religião. Nesse movimento, o ano de 2014 merece destaque – ao menos no estado do Paraná – pelo fato de que estruturas eclesiais católicas começam a ser usadas na construção oficial e na defesa aberta de candidaturas próprias ao legislativo estadual e federal, a fim de demarcar território nos espaços de poder, sob o alegado propósito de evangelizar o ambiente político e seus atores (PAZ, 2016). Um destacado exemplo disso surge de um de seus organismos eclesiais: a Renovação Carismática Católica (RCC), movimento cinquentenário reconhecido pela Sé Apostólica, que visa propagar o batismo no Espírito Santo, núcleo central do que denomina “Cultura de Pentecostes” (PAZ, 2016, p. 31).

Essa variante, entre muitas, de catolicismo (MIRANDA, 2010) tem instigado o interesse dos pesquisadores nas duas últimas décadas, cujo enfoque transita de suas origens pentecostais e resgate extasiado dos dogmas vaticanos (CARRANZA, 2000; SOFIATI, 2009a) ao presumível paradoxo renovação-tradição, pelo que, concomitantemente, se conflagram e se conciliam o acatamento do bimilenário patrimônio doutrinal da Igreja e um *upgrade* pessoal e comunitário da espiritualidade (GRIGOLETTO, 2003; LOPES, 2012; SILVEIRA, 2000), perpassando sua presença e ação junto à juventude (MIRANDA, 2010; SOFIATI, 2009b) e sua instigante interface política (MIRANDA, 1999; PORTELLA, 2011; PRANDI; VALENTIN, 1997). O interesse dos carismáticos pelo poder civil, a propósito, vem se encorpando de tal forma nos últimos anos, que a RCC instituiu uma suborganização especializada em eleições: o Ministério Fé e Política (MFP), que, pelo visto, dá uma conotação outra ao *aggiornamento*<sup>2</sup> pretendido pelo Concílio Vaticano II (1962-1965).

É, pois, a partir da conjuntura brevemente exposta que miramos o enfoque deste trabalho sobre a candidatura do pregador católico-carismático Diego Garcia, eleito deputado federal em 2014 pelo Partido Humanista da Solidariedade (PHS), com o apoio oficial do MFP paranaense. Nosso interesse na análise da referida candidatura à Câmara dos Deputados, defendida por lideranças carismáticas se dá pela ostensiva apropriação de signos religiosos típicos do catoli-

2 A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* prevê um *aggiornamento*, ou seja, uma atualização pastoral da Igreja, por meio do qual, conforme seu primeiro parágrafo, “propõe-se fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja” (SACROSANCTUM CONCILIUM, 1963, parágrafo 1).

cismo na construção discursiva de seu material de campanha, bem como da sua própria imagem – à moda do ideário das antigas escrituras judaicas – de maior ungido por Deus para representar seu povo.

Diego Garcia – que, como o protagonista do Evangelho, estreou na vida pública aos 30 anos de idade (Lc 3,23) – transformou-se nas primícias do MFP, uma vez que é o primeiro deputado federal eleito por meio dessa nova estratégia de inserção política da RCC: um milagre, levando-se em conta o custeio de sua campanha, considerado baixo: mais ou menos o equivalente ao dízimo, isto é, a um décimo das despesas declaradas da campanha de outros eleitos.

Além do miúdo financiamento de sua campanha, “a mais barata do Estado” entre as vitoriosas de 2014 (GARCIA, 2016) – prodígio esporadicamente lembrado pelo, agora, deputado em seus pronunciamentos oficiais –, outras provações compunham a conjuntura pela conquista de uma das 30 cadeiras a que o Paraná tem direito em Brasília: entre os desafios, salientamos a disputa de um debutante político pelo voto dos 7.865.950 eleitores paranaenses (TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL, 2014) com outros agentes religiosos de diferentes segmentos cristãos, já experientes nas urnas, os quais também evocaram para si, em algum momento no tempo da política, a unção divina: Hidekazu Takayama (PSC), célebre ministro da Assembleia de Deus e experto em eleições (atualmente com dois mandatos estaduais e quatro federais, todos consecutivos); Edmar Arruda (PSD), eleito deputado federal pela primeira vez em 2010 pelo PSC com o apoio da Igreja Presbiteriana Independente (e reeleito na ocasião); e o delegado Fernando Francischini (SD), assembleiano, igualmente reconduzido ao cargo na disputa daquele ano. É verdade que outros cristãos disputaram com sucesso as eleições, sem que, todavia, tivessem transformado a própria fé num estandarte eleitoral. É o caso da federal mais votada em 2014 no Paraná, Christiane Yared (PR), pastora da ignota Igreja do Evangelho Eterno, eleita sob a pauta da paz do trânsito.

Se o número de “pescadores de homens” (Mt 4,19) nas eleições de 2014 fosse superior entre os evangélicos, o aquário católico no qual “lançar as redes para pescar” (Lc 4,5) continuava quase inexplorado e bem maior no Paraná, em que 69,82% da população se declarava católica, conforme dados do “Novo Mapa das Religiões”, contra 23,38% de evangélicos, divididos em pentecostais, com 14,48%; e 8,93% de membros de “outras evangélicas” (FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS, 2009, p. 35). Não obstante a aparente vantagem do candidato da RCC, as técnicas e instrumentos de pesca gospel se revelaram, *a posteriori*, mais eficientes: a bancada evangélica na Câmara dos Deputados, composta por 74 parlamentares eleitos em 2014, conta com cinco paranaenses (DIAP, 2014).

A campanha de Diego Garcia – que, com os cantores da Canção Nova Eros Biondini (PROS/MG) e Flavinho (PSB/SP), integra a Frente Parlamentar Católica – foi integralmente idealizada pela RCC estadual via MFP, numa instância recém-criada a que se deu o nome de “Núcleo Central” (RCC/PR, 2013, p. 23). Coube, portanto, a essa equipe a criação de todo o material de marketing eleitoral que, no caso do candidato em questão, pelo que encontramos nas mídias sociais, corresponde a: santinhos impressos e virtuais (em duas versões: uma tradicional, vertical, com suas informações básicas e aparentemente voltadas ao público secular; e outra, idealizada para os membros da RCC com alusões mais consistentes a signos católicos); perfurades (ou seja, adesivos perfurados que se afixam no vidro traseiro de veículos) e adesivos menores com o mesmo design gráfico dos santinhos; panfletos biográficos e testemunhais; vídeos do candidato

ao lado de personalidades do mundo carismático; e *jingle* genérico, sem conotação religiosa. Em linhas gerais, a estratégia de difusão da campanha contou, além de ações eleitorais costumeiras – como carreatas, bandeiraços e panfletagem – também com a repercussão boca a boca da candidatura por voluntários – líderes e “servos” carismáticos – nos grupos de oração, nas assembleias diocesanas, no Twitter (com as *hashtags* #EuApoioDiegoGarcia3131 e #VotoConsciente), e, com mais visibilidade, nas páginas oficiais do Ministério Jovem da RCC no YouTube e no Facebook. Destacamos um dos expedientes aplicados na escalada de Garcia à Câmara dos Deputados: a distribuição do material já mencionado sob o título de “Kit-Sementinha” (RCC/PR, 2013, p. 2), num esforço de trazer para a batalha eleitoral as exortações de Cristo pela abertura e receptividade dos fiéis ao divino, expressas na Parábola da Semente (Mc 4,26-29) e na do Bom Semeador (Mt 13,1-9; Mc 4,3-9; Lc 8,4-8).

Do seu material de divulgação, selecionamos como objeto de nossa diligência: 1. seu santinho, impresso em formato horizontal que foi amplamente difundido, principalmente, nas redes sociais por membros do movimento eclesial e que evoca signos de grande apelo devocional; e 2. um folder, por meio do qual divulga sua biografia e o apoio recebido de clérigos e leigos fundadores da RCC.

## DOS SIGNOS AO SIMULACRO: A LEGITIMAÇÃO DA AUTORIDADE DO CANDIDATO DA IGREJA

No recorte a ser analisado, é notória a tentativa de produção de sentido, a partir da apropriação de um verdadeiro rosário de arquétipos semióticos, por meio do qual se pretende fixar a imagem de candidato da Igreja (MIRANDA, 2006), ou melhor, “candidato da Renovação”, *slogan* presente em todo seu material de divulgação, legitimando não apenas seu ingresso na vida pública e a intenção de renová-la, mas, sobretudo, sua pertença ao movimento carismático, como veremos na sequência. Ao empregar signos católicos para autenticar o discurso eleitoral, intenciona-se, conforme a semântica da semelhança do século XVI pormenorizada por Foucault (2000, p. 24), relacionar gradativamente, nas extremidades do sentido das coisas e das paixões, *pro convenientia*, diferentes elementos, de “sorte que, nessa articulação das coisas, aparece uma semelhança”. Há aí uma (dis)simulação do sistema de representações da religião, visando a impor, de acordo com Bourdieu (2007, p. 33), um pensamento do mundo social, “cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política” vende-se como alicerce “natural-sobrenatural”. Ademais, no ímpeto de acender – *fiat* – sua luz sobre os membros da RCC e ascender – *dominamini* – seu poder hierárquico do religioso ao secular, o emprego engenhoso de símbolos católicos pelo MFP corrobora a afirmação de Bourdieu (1994, p. 12) de que “a aptidão para manipular legitimamente o maior número de usos diferentes dos signos, cresce quando nos elevamos na hierarquia social”.

A comunhão entre significantes sólidos da religião e do sufrágio – matéria-prima – esculpe um simulacro que, autoalusivo (BAUDRILLARD, 1991), se convém resistente. Isso porque “*forte lignum et inputribile elegit artifex sapiens quærit quomodo statuat simulacrum quod non moveatur*”<sup>3</sup> (Is 40,20, grifo nosso).

3 Versão latina de São Jerônimo do fragmento bíblico: “O artista sábio que esculpe um simulacro escolhe madeira forte e impufável para que não balance” (tradução nossa).

E o que dá robustez a esse simulacro sacroeleitoral não é senão a manipulação perspicaz de elementos discursivos religiosos por agentes políticos no processo de construção de suas campanhas.

Esse fenômeno, na verdade, tem sido objeto de investigação nas ciências humanas e sociais: Bem e Tadvald (2004) analisam a “Apropriação da discursividade religiosa pelo campo político”, buscando compreender as imbricações entre o religioso e o político na campanha de um candidato a vereador de Porto Alegre; Jorge (2013) investiga o *ethos* discursivo e o apelo religioso que sustentaram uma campanha eleitoral de Mauá; Nicola (2013, tradução nossa) se debruça “Sobre o uso dos símbolos na política”; Gandin (2010), por sua vez, todavia, esclarece que “A sacralização do político” não é um fenômeno recente e dá como exemplo o fato de que, no Brasil, o material básico de marketing eleitoral recebe o nome de “santinho”.

É, aliás, sobre o santinho de Diego Garcia, difundido por páginas oficiais da RCC/PR no Facebook e compartilhada à exaustão por seus membros, que vemos nossa primeira análise.

**Figura 1** – Santinho do candidato Diego Garcia



Fonte: Fanpage de Diego Garcia (2017).

O primeiro elemento a se constatar no seu prospecto é a adoção predominante do azul em detrimento total do vermelho, cor característica do PHS, numa provável tentativa de afastar do imaginário dos fiéis-eleitores quaisquer vínculos com ideais e partidos de esquerda, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT), visto com reticência por grande parte dos carismáticos. Isso se deve não tanto aos índices de popularidade da então presidenta Dilma – que, em 2014, ficou na razoável casa dos 40% (PERES, 2014) – mas especialmente pela ideia compartilhada no meio carismático de que o PT assume uma pauta distante dos ideários cristãos: “O PT tem em seu programa de partido a intenção de legalizar o aborto e também de realizar a descriminalização do aborto” (RCC/BRASIL, 2010). Oficialmente, o MFP da RCC proíbe que seus líderes sejam candidatos por siglas partidárias que, em seus estatutos, contradigam os princípios da Doutrina Social da Igreja (RCC/BRASIL, 2015).

Convém destacar, contudo, que o azul não está disposto a esmo. Antes, parece colorir uma espécie de capa celeste orlada por uma faixa amarela, quase dourada, que atravessa horizontalmente a publicação: uma indireta evocação

da figura de Nossa Senhora, cujo manto como que protege o candidato, outorgando-lhe sua santa autorização. É que a presença mariana no ambiente carismático é de tal modo forte que não há quem se ame mais, depois de Deus, senão a Virgem Maria, cuja devoção tem servido, numa perspectiva, “para demarcar as fronteiras entre o catolicismo e o pentecostalismo e, em certa medida, reforçar a identidade religiosa dos carismáticos” (MACHADO, 1996, p. 48).

Se o relacionamento filial e afetivo com a Mãe de Jesus entre os católicos já é notório, nos grupos de oração da RCC é tão íntimo e direto que se faz experiência da sua maternidade espiritual também de forma mística, pentecostal: segundo o Novo Testamento, Maria foi a primeira pessoa a receber o Espírito Santo (Lc 1,35) e, perto dela, Isabel (Lc 1,41) e os Apóstolos (At 1,14) igualmente tiveram a mesma experiência, respectivamente na Visitação e no Dia de Pentecostes. Converte-se, assim, no sacrário de signos carismáticos, em “uma companheira com quem se deveria rezar” (SOUZA, 2004, p. 74) para alcançar a mesma intimidade sobrenatural com Deus.

Se a alusão indireta à Virgem no impresso confirma o enraizamento do candidato ao grupo social que pretende representar no legislativo federal, mais ainda o fará o Espírito Santo, simbolizado iconograficamente por uma tradicional pomba branca. Ela aparece em destaque, abrindo suas asas sobre a figura sorridente de Diego Garcia. O signo imprime o vínculo do candidato com essa forma de catolicismo e dialoga com a famosa profecia de Isaías: “O espírito do Senhor repousa sobre mim, porque o Senhor consagrou-me pela unção” (Is 61,1). Ele é o líder “provocado por Deus” (RCC/PR, 2013, p. 6) para representar seu povo. Enquanto a pomba ganha proeminência na publicação, o nome da coligação e a logomarca do partido, ao contrário, de presença obrigatória pela legislação eleitoral, figuram despercebidos perifericamente: não convém pompear eles com partidos políticos, já que são as instituições menos confiáveis entre os brasileiros (BOCCHINI, 2015). Além disso, se o PHS é uma sigla de pouca capilaridade social, sem bandeira histórica, situado entre os que são chamados de partidos de aluguel, emoldurá-lo por quê? Nesse caso, é preferível e estratégico evocar a identidade carismática de Garcia, cuja candidatura é endossada pelo MFP do Paraná.

É, a propósito, nesse sentido que se justapõe, sobre fotos monocromáticas com apoiadores, a citação bíblica: “porque a vitória no combate não depende do número, mas da força que desce do céu” (1Mc 3,19). A sentença é rica de polissemia: o “número” (quer se refira ao da legenda partidária do candidato, quer reporte à quantidade de cabos eleitorais voluntários) não é importante. Fundamental mesmo é que o aspirante ao parlamento seja capacitado pela força divina. Cumpre ressaltar que a escolha em particular desse versículo entre tantos similares (1Sm 14,23; 2Sm 22,51; Sl 18,35; Sl 20,6; Sl 60,12; Sl 108,13; Sl 118,15; Sl 149,4; Pv 20,22; Pv 21,31; Os 1,7; 1Cor 15,57; 1Jo 5,4; etc.) não se deu por acaso: I Macabeus é um dos sete deuterocanônicos que figuram exclusivamente nas bíblias católicas. Além disso, seu enredo é um paralelo curioso do que pretendem os cristãos – não só católicos – na política: em outras palavras, fazer que a nação (no cenário bíblico, a grega) seja impregnada pela sua própria cultura. “Levantemos nossa pátria de seu abatimento e lutemos por nosso povo e nossa religião” (1Mc 3,43). Esse versículo adereça outros santinhos similares de Diego Garcia e é utilizado pela RCC/Brasil (PAZ, 2016, p. 9) para justificar seu aval à “participação na política daqueles que se sentem chamados a trabalhar em cargos eletivos”.

Tampouco a tradução do excerto bíblico empregada no folder, a da Editora Ave Maria, é casual: trata-se da bíblia oficial dos carismáticos, uma versão pré-conciliar de linguagem mais erudita, traduzida da Vulgata de Jerônimo, e voltada ao uso devocional. Os membros das pastorais sociais preferem o texto coloquial da Edição Pastoral publicada pela Paulus, vertido dos originais, e com notas de rodapé baseadas na perspectiva da Teologia da Libertação. Assim, o versículo empregado pelo MFP no recorte observado serve para carimbar a pertença do candidato a essa modalidade específica de catolicismo mais intimista e espiritual, menos progressista e reformador.

Salta aos olhos, ainda analisando o santinho, o fato de que o candidato exibe uma cruz peitoral dourada que possui proporções episcopais. Sobre o peito de um bispo, o crucifixo do tamanho do ostentado representa uma das insígnias da sua autoridade, que “não é um ornamento para vestir” (FRANCISCO, 2017), “nem joia, mas símbolo precioso da fé e do sinal visível e material do ligame com Cristo” (BENTO XVI, 2008, tradução nossa).

O uso de insígnias, de acordo com as deliberações do Concílio Vaticano II (SACROSANCTUM CONCILIUM, 1963, parágrafo 130) é privativamente “reservado às pessoas eclesiásticas que possuem a dignidade episcopal ou gozam de especial jurisdição”. Ao usá-las, seu portador fixa a imagem de depositário da autoridade sobre um grupo social específico. Cria-se assim um simulacro da autoridade eclesial: é um outro *ἐπίσκοπος*, ou seja, alguém que “vê de cima, que protege” o rebanho que representa. O que é mesmo, afinal, o político senão um “pastor de homens”? (DELEUZE, 1974, p. 259). Essa construção de um diverso conceito de autoridade eclesiástica que se confunde com a autoridade secular, ilustra, sumariamente, o que Foucault (1999) alude como *æmulatio*, por meio do qual êmulos distantes se correspondem; exemplifica, do mesmo modo, o conceito de legitimidade de Bourdieu (2007), ao discutir o direito simbólico restritivo do agente autorizado de transmitir poder social e religioso.

O apelo iconográfico presente no marketing da campanha de Diego Garcia, a partir da apropriação de significantes religiosos, não apenas serve para imprimir autoridade e legitimidade ao discurso, como também reforça a noção identitária dos membros do segmento religioso a que se almeja apoio nas urnas. Robustece, para além disso, o que Libanio (2002, p. 246) chama de “religiosidade do simulacro”, fortemente atrelada à sociedade de consumo, no qual se falseia uma “presença ausente”. Dessa maneira, a campanha, de certa forma,

*[...] gera a ilusão da presença do objeto na sua simulação. Atua sobre a fé de maneira duplamente negativa. Ou faz que se creia no que não existe – teríamos uma espécie de idolatria, acreditando na realidade divina de uma ficção. Ou esvazia o papel sacramental das realidades da fé. [...] estabelece a possibilidade de uma articulação entre a “res” e o “signum”. A cultura do simulacro deturpa a compreensão do sacramento. Atribui sacramentalidade a realidades que não a têm. Pensa que é sacramento o que não é. Ou não valoriza o sacramento, quando ele é, porque banaliza os sinais (LIBANIO, 2002, p. 246).*

Ocorre, portanto, senão uma dessacralização de signos exclusivos da fé católica, um visível alargamento de seu significado, isto é, uma ressignificação do símbolo, para confins mais abrangentes e menos incorpóreos, na construção do que podemos chamar de “política benta”, que não é nem cópia nem repetição do poder matricial da política e da religião, mas um simulacro autocéfalo.

Ao aproximar signos católicos aos eleitorais, atribui-se um sentido moderno ao *faciamus* do Gênesis. Uma nova representação do político e do religioso é modelada à imagem e semelhança da canônica: uma para-sagração que confere legitimidade divina e secular ao discurso do candidato da Igreja, “na medida em que o interesse político [...] subsiste dissimulado” (BOURDIEU, 2007, p. 54).

Outro material em que a apropriação do sagrado pelo eleitoral se evidencia na campanha de Garcia é um folder no qual se divulgam a biografia do candidato e o apoio que recebe de lideranças de seu movimento. Nele, no entanto, o emprego da religião não se dá pelos signos, mas por meio da adoção de um estilo discursivo à moda bolandista<sup>4</sup>.

Figura 2 – Folder com a biografia do candidato Diego Garcia

**UMA TRAJETÓRIA PAUTADA NA FÉ**

**QUEM É DIEGO GARCIA?**  
Diego Garcia tem 29 anos e é casado com Beatriz Pinho Garcia. Ele é o primeiro visionário, capaz de lutar pelos anseios da juventude brasileira e pelos direitos de todos. “Minha luta será pela renovação da política e, acima, intencionalmente, em defesa da dignidade da pessoa humana, da família e dos princípios cristãos”, afirma Diego Garcia.

A vida de Garcia é carregada de desafios. Passou sua infância e adolescência na cidade de Andréia-PI. Apesar de amar o Norte Pioneiro do Paraná, aqui ele registra sua pequena para um jovem que sonhava alto. Como todo menino, Diego amava ser jogador profissional de futebol. Aos 16 anos, ele tomou as rédeas da própria vida e correu atrás de seu sonho. Com quinze anos jogou em vários clubes pelo Paraná, São Paulo e Santa Catarina.

Em 2003, Diego tornou-se jovem, quando representou o Equipe Clube Comercial, de Carmilândia, Própolis, e precisou admitir que era uma criança. Ele retornou às casas dos pais, em Andréia, porque precisava do apoio familiar durante o período pós-graduação. Não seria esse motivo que o levaria a abandonar o futebol? Foi por um ideal maior. “Nessa época, passei a frequentar a Igreja Católica e parti-

**NASCE UMA VIDA POLÍTICA**  
No ano de 2010, a RCC/PR lançou o projeto do Ministério da Fé e Política, oportunidade em que Diego Garcia passou a valorizar mais as questões políticas. Ele foi convidado a representar a Igreja Católica na Conferência Nacional de Política Pública da Juventude, realizada em Brasília.

Na ocasião, Diego foi escolhido delegado para representar o seguimento religioso e debater as diretrizes elaboradas em duas etapas anteriores. No encontro, os participantes discutiram as propostas de implementação, entre elas, a proposta de legalizar e descriminalizar o aborto no Brasil, por meio de um direito à vida e à dignidade da pessoa humana”, ressaltou Diego Garcia.

Aumentou, então, o interesse pela política. “Votar de Brasília determinou a angariação em outras causas. Nesse período, senti forte o quanto eu me identificava com a vida política”, destaca o candidato. Depois disso, Garcia continuou a desenvolver suas atividades. Determinado, ainda em 2010, saiu-se em Parati, Maranhão, do Soldado Federal (RCC), esperando uma oportunidade de para integrar o meio político.

Inspirado por uma multidão de incentivadores, Diego Garcia resolveu dar um passo decisivo por um projeto de Deus. “Em 2013, fui indicado por líderes da RCC de 25 cidades que pertencem à Diocese de Jacarezinho, como um nome para o cargo de deputado federal”, comemora. Em março de 2013, Diego Garcia foi escolhido, por unanimidade, pelas 10 coordenadorias diocesanas para ser o primeiro deputado federal, nome Assembleia Estadual da RCC.

**UNINDO FORÇAS PELA RENOVAÇÃO**

**Além do bispo de Jacarezinho, outras lideranças da Igreja Católica também apoiam Diego Garcia:**

**Dom Alcino, Bispo no Marajó**  
“É uma perspectiva segura apoiar o Diego Garcia com nosso voto. Eu o apoio firmemente porque sei que é um jovem que não tem medo de encarar este desafio, pois ele manifesta a presença e a fortaleza do novo peritores. É um candidato excelente, bendito seja Deus!”

**Diego, integrante da Comunidade Cerejeira Nova**  
“Eu acredito na força do Jovem, eu acredito na juventude e acredito no Diego Garcia.”

**Francisco, Músico da Paróquia de São João**  
“Fico que você abraça esta causa e juntos podemos dar esta resposta católica em defesa da vida e dos princípios cristãos. Conquistar meus votos para votar, pois o seu voto faz a diferença.Vote no Diego Garcia”.  
Irene Spaldere, Músico da Paróquia de São João

**Sérgio Zaverin, Coordenador Nacional do Ministério de Fé e Política da RCC**  
“Amigo, eu coloco o nome de Diego Garcia como uma opção segura para você votar para Deputado Federal. Ele tem o testemunho de vida. Eu acredito que esteja junto com esta proposta dando um voto consciente ao irmão Diego Garcia.”

**Vera Lúcia Ximenes, Pres. do Conselho Estadual RCC do Paraná**  
“Se queremos mudança na nossa sociedade e sabemos que existem tantas dificuldades, precisamos abraçar esta proposta e o nome de Diego Garcia para Deputado Federal. É uma oportunidade que temos como católicos de fazer valer o nosso voto. Eu conto com você, com seu apoio e a sua militância!”

**Diego tem o destaque em um grande líder. Ele é uma opção segura e tem todo o nosso apoio. Quem se mobiliza hoje para fazer acontecer este projeto está evangelizando, eu conto com a sua participação e seu apoio!”**  
Luiz César Martins, Coordenador Nacional do Ministério de Fé e Política da RCC

**Diego Federal DIEGO GARCIA 3131**

Fonte: Fanpage do Ministério Fé e Política/PR (2014).

As etapas de vida de um “jovem visionário”, ex-jogador profissional de futebol, são descritas no *folder* como numa narrativa hagiográfica, que “é mais do que uma biografia. Esta incide muito em aspectos de natureza essencialmente historiográfica [...]. Aquela propõe um programa moral” (REBELO, 2004, p. 136): são memórias bucólicas e testemunhos envernizados da vida de um bem-aventurado. Parece-nos, porém, que a hagiografia é aqui empregada não só para atribuir beatitude ao candidato, mas, especialmente, para tonificar no (e)leitor a ideia de que os laços entre ele e o movimento carismático são resistentes e antigos.

4 Termo pelo qual é denominado um grupo de jesuítas eruditos do século XVII, também chamado de Societé des Bollandistes, que trabalharam na elaboração dos *Acta Sanctorum*, uma compilação da biografia dos santos católicos, sob a coordenação do padre belga Jean Bolland. São os responsáveis pela criação da revista bruxelense de análise hagiográfica *Analecta Bollandiana*, publicada ainda hoje (DE VRIENDT et al., 2009).

Tal apelo ao discurso hagiológico deve-se ao fato de que a hagiografia:

[...] é, pois, indissociável do contexto religioso, político e sociocultural do santo biografado: do seu local de culto, da sua terra natal, da sua família, da nação a que pertenceu, da ordem ou movimento religioso onde professou, das intenções ou interesses dos promotores da sua causa, do autor da hagiografia ou de quem a encomendou. É nesse sentido que Réginald Grégoire declara que a hagiografia é uma “historiografia apologética, dotada de uma finalidade didáctica, elaborada sobre a noção de virtude pessoal e social, individual e colectiva” (REBELO, 2004, p. 132).

No impresso, mais até que na biografia dos santos, a história pré-querigmática do jovem candidato também é idealizada. Ainda que o único fato relatado da adolescência seja mesmo a carreira esportiva – precocemente interrompida por uma lesão no joelho –, o texto afirma que sua vida “é carregada de desafios”, sem, conquanto, elencá-los. Seja como for, o episódio frustrante na carreira do craque, de certo modo, flerta intertextualmente com a queda de Saulo a caminho de Damasco ou com a inesperada captura do Soldado de Assis pelo exército de Perugia: graças a esses providenciais obstáculos, é que cada qual teve “uma experiência profunda do amor de Deus”, como se relata no texto. Conforme Rebelo (2004, p. 136), vale sublinhar que, “Quando o hagiógrafo descreve a vida do seu biografado segundo as características de um modelo anterior, aproxima-se do conceito de ‘vidas paralelas’ ainda que de forma inconsciente ou implícita”. Dissemina-se, portanto, a ideia de que o retratado é digno de fé, já que sobre sua cabeça repousa, alugada, a auréola do apóstolo Paulo e de Francisco.

Quando se cunha num mesmo níquel o que é de Deus e o que é César para fins sufrágicos, ou seja, quando “se verifica uma fusão dos objectivos religiosos e políticos [...], o hagiógrafo procura salientar a condição de crente do biografado” (REBELO, 2004, p. 157).

É exatamente essa condição que se impulsiona sob o subtítulo “Renovação”, no qual o postulante elenca algumas recordações concernentes à sua escalada na hierarquia carismática. A hagiografia dá aqui espaço a um estilo que, respeitadas as devidas limitações literárias, emula as famosas “Confissões” agostinianas. A franqueza do santo de Hipona no seu livro autobiográfico, justiça seja feita, não fosse quiçá a mesma, caso quisesse depender do êxito em sufrágios seculares. Afinal, importa que a reputação do candidato, como sugere sua etimologia, seja “cândida”, eximindo-se de qualquer suspeita, máxime quando se almeja representar um grupo social que se quer espiritualmente renovado.

Não basta, entretanto, que os relatos da vida do candidato partam só de si, porque, como sustenta o Evangelho (Jo 5,31), “Se eu dou testemunho de mim mesmo, meu testemunho não vale”. É então que ícones do movimento carismático – fundadores e lideranças – aparecem no texto para testificar, consensualmente, a imagem que se pretende esculpir do candidato. Assim, começando por Dom José Luís Azcona Hermoso, prelado referencial da RCC no Brasil, todos os demais (o cantor Dunga da Comunidade Canção Nova; Ironi Spuldaro, famoso telepregador carismático; e coordenadores estaduais e nacionais da RCC) confirmam as virtudes heroicas de Diego Garcia e dão um *imprimatur* ao impresso eleitoral. São os expoentes da “multidão de incentivadores” que o instigou a “doar-se pelo povo e por um projeto de Deus”, numa declaração canônica, mimética, de mérito *ante mortem*. Confere-se, assim, legitimidade, autoridade e benção ao candidato da Renovação.

Eis aí outra interface da construção do ídolo político: simulacro cravejado da apropriação semiótica, que não reporta a uma realidade subjacente, mas é em si.

### **DE FRUCTULIGNI QUOD EST IN PARADISO<sup>5</sup>: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para restaurar a extinta influência política do Éden de Vera Cruz, extraviada pelo avanço da secularização e dos evangélicos, os carismáticos paranaenses (re)criam, com seus próprios signos consagrados, uma nova estratégia de inserção política, que compreende a geração de simulacros fortes de representação cívico-religiosa. Nesse contexto, em que se sente um refluxo do divino sobre o Estado, revanche de Deus (KEPEL, 1991), discernir significantes políticos e religiosos torna-se quase inviável, especialmente no tempo da política, quando esse amálgama se intensifica.

A reconquista, por agentes religiosos, do paraíso perdido pelo poder político da Igreja, que gozou do *status* de religião oficial e prestígio por sua hegemonia secular, pressupõe, como se verifica nesta pesquisa, não apenas o revestimento de suas candidaturas com retórica religiosa batizada no discurso político. Implica, antes de tudo, a adoção pelos fiéis-eleitores da ideia de que é preciso retomar espaços de poder que, outrora, lhe eram exclusivos. Só assim será possível saborear novamente do fruto proibido.

#### **IN THE IMAGE AND LIKENESS: SIMULACRUM AND HAGIOGRAPHY IN ELECTORAL PROPAGANDA OF RELIGIOUS POLITICIANS**

**Abstract:** In this paper, we investigate the use, for electoral purposes, of religious signifiers and discourses, verified in the campaign material of a federal proportional candidature in Paraná, Brazil, built by the Ministry of Faith and Politics of the Catholic Charismatic Renewal in 2014. From the exploratory examination of electoral marketing and ecclesiastical documentation, we sought to discuss the construction, through the amalgam of sacral and civic-electoral archetypes, of a simulacrum of canonical authority with views to secular power. Based on the results, it is possible to verify that the charismatic in Paraná, (re)create, with their own consecrated signs, a new strategy of political insertion, which includes the generation of strong simulacra of civic-religious representation.

**Keywords:** Simulacrum. Hagioigraphy. Politics.

#### **REFERÊNCIAS**

- BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BEM, D. F.; TADVALD, M. A apropriação da discursividade religiosa pelos campos políticos. *Debates do NER*, v. 2, n. 6, p. 63-82, set. 2004.
- BENTO XVI. *Viaggio Apostolico di Sua Santità Benedetto XVI in Francia in occasione del 150° Anniversario delle Apparizioni di Lourdes*. Set. 2008. Disponível em: <<http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2008/09/12/0566/01413.html>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

5 Excerto bíblico de Gênesis 3,3: "Do fruto da árvore que está no Paraíso" (tradução nossa).

- BEOZZO, J. O. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In: FAUSTO, B. (Org.). *História geral da civilização brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 273-341.
- BÍBLIA (Português). *Bíblia Sagrada Ave-Maria*. 141. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2001.
- BÍBLIA (Latim). *Biblia Sacra juxta Vulgatam Clementinam*. Londres: CBCEW, 2006. Disponível em: <<http://vulsearch.sourceforge.net>>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- BOCCHINI, B. *Cai confiança em judiciário, governo e partidos, diz estudo*. Rio de Janeiro, 12 jun. 2015. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/cai-confianca-em-judiciario-governo-e-partidos-diz-estudo/>>. Acesso em: 9 jul. 2017.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Ática, 1994.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CAMPOS, L. S. Evangélicos e política no Brasil: análise das eleições de 2002 a 2010 para a Câmara Federal. In: PÁTARO, C.; HAHN, F.; MEZZOMO, F. (Org.). *Instituições e sociabilidades: religião, política e juventudes*. Campo Mourão: Fecilcam, 2013. p. 63-101.
- CARRANZA, B. *Renovação carismática católica*. Origens, mudanças e tendências. Aparecida: Santuário, 2000.
- DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DE VRIENDT, F. et al. *De Rosweyde aux Acta Sanctorum. La recherche hagiographique des Bollandistes à travers quatre siècles*. Bruxels: Société des Bollandistes, 2009.
- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ASSESSORIA PARLAMENTAR (Diap). *Atualização da bancada evangélica*: DIAP identificou 74 deputados. Brasília, 6 out. 2014. Disponível em: <<http://www.diap.org.br/index.php/noticias/noticias/24534-bancada-evangelica-levantamento-preliminar-do-diap-identifica-43-deputados>>. Acesso em: 9 jul. 2017.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FRANCISCO (Papa). *A cruz não é um ornamento, mas um símbolo de fé*. Disponível em: <[http://br.radiovaticana.va/news/2017/03/12/papa\\_a\\_cruz\\_não\\_é\\_um\\_ornamento,\\_mas\\_um\\_símbolo\\_de\\_fé/1298184](http://br.radiovaticana.va/news/2017/03/12/papa_a_cruz_não_é_um_ornamento,_mas_um_símbolo_de_fé/1298184)>. Acesso em: 18 jun. 2017.
- FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. *No mapa das religiões*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- GANDIN, L. A sacralização do político. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 23., 2010, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: Intercom, 2010.
- GARCIA, D. *Pronunciamento no plenário da Câmara Federal*. Brasília, 22 set. 2016. Disponível em: <[www.fb.com/liderancaphs/videos/vb.611846402281244/883245781807970](http://www.fb.com/liderancaphs/videos/vb.611846402281244/883245781807970)>. Acesso em: 4 jul. 2017.
- GARCIA, D. *Santinho do candidato Diego Garcia*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/DiegoGarciaDeputado/photo/a.382642581866170.1073741840.314213892042373/531375880326172>>. Acesso em: 9 jul. 2017.
- GRIGOLETTO, E. *Sob o rótulo do novo, a presença do velho: análise do funcionamento da repetição e das relações divino/temporal no discurso da Renovação Carismática Católica*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

- JORGE, J. L. O ethos discursivo na política mauaense e o apelo ao religioso. In: INTERPROGRAMAS DE MESTRADO, 9., São Paulo. *Anais...* São Paulo: São Paulo: Faculdade Cásper Libero, 2013.
- KEPEL, G. *A revanche de Deus*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- LIBANIO, J. B. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.
- LOPES, F. L. (Padre). A Igreja e os 150 anos do Brasil independente. *Verbum*, Rio de Janeiro, v. 29, 1972.
- LOPES, V. V. A Renovação Carismática Católica (RCC): entre o tradicionalismo e o novo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES. *Religião, Carisma e poder: as formas da vida religiosa no Brasil*, 13., 2012, São Luís. *Anais...* São Luís: UFMA, 2012. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/545/388>>. Acesso em: 13 mar. 2018.
- MACHADO, M. D. Religião, cultura e política. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 29-56, 2012.
- MACHADO, M. D. C. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Anpocs, 1996.
- MARIANO, R. Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores: secularização e pluralismo em debate. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 708-726, 2016.
- MINISTÉRIO FÉ E POLÍTICA/PR. *Folder com a biografia do candidato Diego Garcia*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/FePoliticaRccPr/photos/a.299748570171075.1073741833.296104593868806/535288703283726/>>. Acesso em: 9 jul. 2017.
- MIRANDA, J. *Carismas, sociedade e política: novas linguagens do religioso no político*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Núcleo de Antropologia da Política, 1999.
- MIRANDA, J. O candidato da igreja: do que nos fala sua presença na política brasileira. In: LEMENHE, M. A.; CARVALHO, R. V. A. (Org.). *Política, cultura e processos eleitorais*. Fortaleza: Konrad Adenauer, 2006. p. 149-170.
- MIRANDA, J. Convivendo com o “diferente”: juventude carismática e tolerância religiosa. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 117-142, 2010.
- NICOLA, F. *Sull’uso dei simboli in politica. La Ricerca*. Turim: Loescher, 2013. Disponível em: <<http://www.laricerca.loescher.it/societa/464-sulluso-dei-simboli-in-politica.html>>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- ORO, A. P. Religião e política nas eleições 2000 em Porto Alegre. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 87-97, 2001.
- PAZ, D. R. F. F. *Fé e política: conceitos e abordagens*. Canas: Editora RCC/BRASIL, 2016.
- PERES, B. Governo Dilma tem aprovação de 40%, aponta pesquisa CNI/Ibope. *Valor Econômico*, 17 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/politica/3827050/governo-dilma-tem-aprovacao-de-40-aponta-pesquisa-cniibope>>. Acesso em: 9 jul. 2017.
- PORTELLA, R. Renovação Carismática Católica e política: relações, interferências e tensões. *Revista Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, ano XV, n. 39, p. 644-657, set./dez. 2011.

PRANDI, R.; VALENTIN, F. F. A renovação carismática e a política. In: PRANDI, R. *Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 1997. p. 171-177.

RCC/BRASIL. Conselho Nacional. *Instrução Normativa n. 2 de 27 de setembro de 2015*. Dispõe sobre Normas e Diretrizes para regulamentar a ação e os limites de atuação da Renovação Carismática Católica, através do Ministério Fé e Política, durante o período das eleições gerais no Brasil. Goiânia, 27 set. 2015.

RCC/BRASIL. *Dom Bení: “Apelo não cita boatos, cita fatos concretos”*. 28 out. 2010. Disponível em: <<http://www.rccbrasil.org.br/noticia.php?noticia=6397>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

RCC/PR. *Projeto de acompanhamento dos vocacionados da RCC nas eleições 2014 para deputado estadual e federal*. Curitiba, 2013.

REBELO, A. M. R. A estratégia política através da hagiografia. In: FIALHO, M. do C.; JIMÉNEZ, A. P. *O retrato e a biografia como estratégia de teorização política*. Coimbra/Málaga: UC, 2004. p. 131-158.

SACROSANCTUM CONCILIUM. *Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia. Concílio Vaticano II*. 1963. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html)>. Acesso em: 18 jun. 2017.

SILVEIRA, E. *Tradição e modernidade na Renovação Carismática Católica: um estudo dos rituais, subjetividades e mito de origem*. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2000.

SOFIATI, F. M. Elementos sócio-históricos da Renovação Carismática Católica. *Estudos de Religião*, São Paulo, v. 23, n. 37, p. 217-241, jul./dez. 2009a.

SOFIATI, F. M. *Religião e juventude: os jovens carismáticos*. 2009b. Tese (Doutorado em Sociologia)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009b.

SOUZA, M. R. Ser carismático: as várias faces de um movimento religioso. *Antropologia Portuguesa*, Coimbra, v. 20-21, p. 59-87, 2003/2004.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. 2014. Disponível em: <[www.tse.jus.br/publicacoes/pdf/informacoes\\_dados\\_estatisticos\\_eleicoes\\_2014\\_web.pdf](http://www.tse.jus.br/publicacoes/pdf/informacoes_dados_estatisticos_eleicoes_2014_web.pdf)>. Acesso em: 4 jul. 2017.

Recebido em julho de 2017.

Aprovado em outubro de 2017.